

A Família Dienstmann

Boletim Informativo de distribuição gratuita entre os descendentes dos Imigrantes
Johann Jacob Dienstmann e Maria Eva Mayer

Redação e expediente: Rua Cel. Travassos, 490 - Novo Hamburgo - RS - CEP 93415-000
Descendentes responsáveis: Adriano A. Dienstmann (0XX51 587.2626) e Roberto Dienstmann (0XX51 587.2887)

CONFIRMADO!

Taquara - RS, 15 de Setembro de 2002:

II GRANDE ENCONTRO DA FAMÍLIA DIENSTMANN

Um grupo de descendentes está se articulando para preparar o II Grande Encontro da Família Dienstmann, que desta vez será realizado em Taquara, RS, no dia 15 de Setembro do corrente ano.

Três reuniões já foram realizadas visando à organização do II Grande Encontro. A primeira em novembro (ver Boletim de dez/01), a segunda em dezembro e a terceira no dia 05/mar passado. A terceira reunião privilegiou mais os descendentes da região de Taquara objetivando, em especial, traçar as linhas principais da programação do evento assim como começar a definição das várias Comissões Organizadoras que serão responsáveis pela execução do programa em estudo.

Contudo, já existem duas certezas: 1) de que a festa deverá ficar marcada para sempre na lembrança dos participantes e 2) de que haverá muito trabalho pela frente.

Algumas das Comissões Executivas em formação: Protocolo, Tesouraria, Secretaria, Decoração, Divulgação, Programação Infantil, Programação Esportiva, Talentos da Família.

Várias idéias e sugestões já apresentadas estão tendo a devida e cuidadosa apreciação.

Muitas, é claro, ainda virão; e todas serão muito bem-vindas.



I Grande Encontro, em Dois Irmãos, em 1997



Visita (dez/01) ao local do II Encontro, em Taquara



Terceira reunião (05/mar/02) visando o II Encontro

Espera-se um engajamento maciço entre os descendentes, seja no auxílio da elaboração da programação, seja na execução de alguma tarefa, e até na divulgação do evento entre os parentes e na venda de convites para o almoço. Ou, então, no simples comparecimento ao evento.

Final, o objetivo primordial de um Encontro desse tipo é o conagraçamen- to entre os integrantes da Família. E esse conagraçamento não se resume apenas em conversas sobre antepassados em comum; inclui conhecer-se, reencontrar-se, apresentar novos integrantes (netos, bisnetos), apreciar talentos artísticos, divertir-se de forma sadia etc.

É a forma festiva que encontramos para homenagear os 175 anos da chegada dos imigrantes, no dia 16/dez/ 1827.

Portanto, desde já reserve o dia 15 de Setembro de 2002 para participar do II Grande Encontro da Família Dienstmann. Aliás, faça mais: ofereça-se para integrar uma das várias Comissões Executivas.

VEJA AS NOVIDADES DA NOSSA PÁGINA NA INTERNET:

<http://www.dienstmann.rg3.net>

Oceanos são feitos de gotas d'água

(condensação de texto circulando na Internet)

Para ser ouvido, fale. Para ser compreendido, exponha claramente as suas idéias. Acima de tudo, busque o prazer antes do sucesso, a auto-realização antes do dinheiro, fazer bem feito antes de pensar em obter qualquer recompensa. Nenhum reconhecimento externo vai substituir a alegria de poder ser você mesmo. Nada tem graça se não for bom para o seu corpo, leve para o seu espírito e agradável para o seu coração. Cuide de ter saúde, energia, paciência e determinação para continuar tentando quantas vezes forem necessárias. Mas, ao perceber que já fez tudo o que pôde ou até mesmo um pouco além, mude de alvo para não se tornar, em vez de um vitorioso, apenas mais um teimoso. Para poder recomeçar sempre, perdoe-se pelos fracassos e erros que cometer, aprenda com eles e, a partir deles, programe suas próximas ações. Nunca se deixe iludir que será possível fazer tudo num dia só ou quando tiver todos os recursos: tal dia nunca virá. Para manter-se motivado, sonhe! Para realizar, planeje, pensando grande e fazendo pequeno, um pouco a cada dia e todos os dias um pouco, porque são pequenas gotas d'água que fazem todo grande oceano.

LIANE/LUIS

Casou-se, no dia 19/jan/2002, em Novo Hamburgo, a descendente Liane Maria Dienstmann. O eleito de Liane chama-se Luis Eduardo Schneider. Os familiares desejam muitas felicidades na vida a dois.

EDIÇÃO COLORIDA

A edição de Dez/2001, de número 18, apresentou uma agradável surpresa aos olhos de quem estava acostumado a receber o Boletim impresso em uma só cor. Por uma decisão de última hora, pessoal e espontânea, o casal Nair/Hardy, em função da matéria de capa, resolveu assumir integralmente a diferença de custo para a impressão colorida.

Significa dizer que das doações regularmente recebidas para a confecção do Boletim nenhum centavo dessa verba foi gasto com a versão em cores.

Sem dúvida é uma edição que ficará na história.

Agradecemos à iniciativa do casal Nair/Hardy e ressaltamos o seu gesto de grandeza e desprendimento tornando possível essa edição *cheia de cor*.

Um excelente modo de fazer o bem é a firme decisão de combater o mal"

*Cesare Cantu***PROLONGANDO A VIDA***por Yvonne Dienstmann, 85 anos, Novo Hamburgo*

Você pode prolongar a sua vida com 3 "pouco", 3 "muito" e 3 "nada".

- 1 - pouco sal
- 2 - pouco açúcar
- 3 - pouco lipídeo (gordura)

- 1 - muito ar puro
- 2 - muito líquido (água)
- 3 - muito exercício físico, mental e espiritual

- 1 - nada de fumo
- 2 - nada de álcool
- 3 - nada de outra droga qualquer

Então a sua vida vai ficar espichadinha, espichadinha!!

PARA REFLETIR . . .

"Os sinos tocam de modo muito diferente do normal quando morre um amigo".

*Martinho Lutero***VISITA DO PARANÁ**

Esteve visitando a região (Vales do Sinos e Paranhana) a descendente Anita Sander Strege. Ela mora em Porto Vitória-PR, chegou no dia 20/nov/01 e, durante seis dias, reviu parentes e amigos. Ficou hospedada na residência de Geraldo Roos, em Sapiranga, que também foi seu cicerone nos passeios.

DOAÇÕES PARA O BOLETIM

Entre 27/nov/01 e 12/mar/02 identificamos os seguintes doadores para custear o Boletim: Heda Ohlweiler Wolf, Iria Ohlweiler Watthier e Marisa Dienstmann Hartmann..

Agradecemos a esses colaboradores e àqueles que não foi possível identificar.

Saldo em 27/nov/01	R\$ 959,03
+Doações no período	R\$ 50,00
-Tarifas bancárias	R\$ 27,60
-Correio Boletim 18	R\$ 345,00
-Impressão Boletim 18	R\$ 259,80
-Etiquetas Adesivas	R\$ 140,00
=Saldo em 12/mar/03	R\$ 236,63

Nascimento:

Júlia Andréia Koch: no dia 04/dez/01, em Estância Velha, filha de André Leandro e Jidiane Koch

Vestibular:

Gustavo Dienstmann: Engenharia Eletrônica, Feevale-NH

Batizado:

Bruno Feldmann Santos: no dia 10/mar/2002, na Igreja do Relógio, em São Leopoldo, filho de Viviane (Feldmann) e Luciano Cardoso Santos

O DRAMA DO MUSTERREITER

A noite surpreendeu um caixeiro-viajante (musterreiter) na estrada. Vendo que não alcançaria mais a vila, pediu pouso na casa de um colono.

Disse-lhe o colono: "ia mist awwe beim Nenne Schloofe ..." (mas você terá que dormir com o nenê)

O viajante ponderou a situação: Nenê, choro, a velha vem dar de mamar etc. Preferiu a segunda alternativa, que era dormir no galpão.

De manhã ele acordou pelo barulho da porta que abre e deixa ver uma bela moça.

Assustado, o viajante pergunta: "Wea bist du dan? (quem é você?)

Diz a moça: "Ai ich bin das Nene" (eu sou o nenê) e por sua vez perguntando: "un wea said ia dan? (e quem é o senhor?)

- "Ai ich bin dea Muhle, dea Musterreiter steht dort draus ..." (eu sou o burro, o viajante está parado lá fora).

Fonte: Colônia Alemã - histórias e memórias do Prof. Telmo Lauro Müller

CORONEL CESAR NO SUL

Em correspondência de 25/fev/02 o descendente Coronel Cesar Dienstmann informa sua transferência de Brasília-DF para o Comando da 3ª. Divisão do Exército Brasileiro, com sede em Santa Maria-RS.

O Boletim deseja sucesso na nova missão.

ORDEM DOS FATORES

Não te amo mais

Estarei mentindo se disser que

Ainda te quero como sempre quis.

Tenho certeza que

Nada foi em vão.

Sinto dentro de mim que

Você não significa nada.

Não poderia dizer jamais que

Alimento um grande amor.

Sinto cada vez mais que

Já te esqueci!

E jamais usarei a frase

Eu te amo!

Sinto, mas tenho que dizer a verdade

É tarde demais ...

(Agora leia o poema, linha por linha, de baixo para cima)

Fonte: Jornal Zero Hora

"Na prosperidade, nossos amigos nos conhecem. Na adversidade, conhecemos nossos amigos."

John Churton Collins

**II GRANDE ENCONTRO
PRESTIGIE ESSE EVENTO!**

Na prestação de contas das Doações para o Boletim algumas pessoas eventualmente não estão citadas nominalmente porque não foi possível identificar todos os doadores

BACHARACH em 1816/17

Como sabemos, os imigrantes Dienstmann chegaram ao Brasil em 1827 em busca de um futuro melhor. Mas, será que a situação era realmente tão desesperadora na Alemanha que justificasse uma iniciativa ousada como a de reunir a família, embarcar num navio e empreender uma longa e perigosa viagem para um país muito distante e desconhecido?

Vamos transcrever, a seguir, uma parte da história de Bacharach (cidade de origem dos Dienstmann, às margens do rio Reno), traduzida do alemão e retratada num livro escrito por vários historiadores e estudiosos (Bacharach und die Geschichte der Viertälerorte - Bacharach e a História dos Quatro Vales - páginas 471/472). Deve-se ter em mente que os fatos narrados aconteceram somente 10 anos antes da partida dos Dienstmann.

Leiam e imaginem nossos antepassados em meio àquela situação.

Assim descreve Werner Weidmann:

"Os conflitos sociais sempre estão presentes em época de guerra e principalmente em anos de fome, miséria e alta dos preços. Isto também aconteceu com Bacharach e os 4 Vales. Af surge com mais força a diferença entre ricos e pobres. Usamos Bacharach como exemplo, nos terríveis anos de fome de 1816-1817. É uma observação óbvia de que em tempos de fome, os pobres ficam ainda mais pobres e os ricos mais ricos; isto novamente se confirmou no Reno Superior, assim como no Médio Reno e especialmente em Bacharach.

Com a destruição provocada pela guerra dos 30 anos, e depois pelas guerras por heranças, onde houve a destruição de Bacharach, e também dos 4 Vales, sua prosperidade foi duramente atingida. Permaneceram em atividade poucos produtores vinhateiros, que em épocas adversas só tinham o necessário para sobreviver. Diziam os mais velhos que nunca houve um tempo de fome como nos anos de 1816-17. Os vinhateiros mais pobres, que tinham as casas cobertas com palha tiveram enormes prejuízos com os temporais que provocavam incêndios nessa palha, no verão de 1816. Assim, também suas vinhas foram muito atingidas o que fez com esses homens perdessem tudo. Depois, por causa das constantes chuvas, tanto os agricultores como os vinhateiros, não conseguiam colher quase nada. Também não conseguiam ir trabalhar para os grandes

agricultores ou vinhateiros. Também os diaristas foram prejudicados pois não tinham trabalho e nem qualquer fonte de renda. Era geral a falta de trigo e outros cereais. Em consequência faltava pão, que somente uma vez por semana conseguiam comer. Paralelamente surgiam suspeitas de lucros exagerados com mercadorias que eram escondidas o que provocava a alta de preços. Bacharach e os 4 Vales, que se encontram entre Kreuznach e St Goar, foram os que sofreram mais. Mesmo com a falta do cereal, desviavam-no para fazer cachaça. Em julho de 1816, ordenou-se dar ajuda às pessoas necessitadas, com a abertura dos armazéns do rei. Mas, mesmo assim, os gananciosos continuaram a especular. Foi pedido que fossem fechados os locais onde era feita a cachaça, mas a determinação não foi cumprida. Nem as batatas escaparam. Na época, apareceu a frase "os judeus do cereal e da batata enriqueciam e que os pobres podiam morrer". Os pequenos vinhateiros já vinham há cinco anos com prejuízos. Devido às chuvas intensas as estradas ficaram intransitáveis; até as terras produtivas estavam um lamaçal. Além disso tudo, estava também começando a faltar lenha, em novembro de 1816. A Bavária tinha postos onde não deixavam passar nenhuma mercadoria; eles só ajudavam seus súditos perto do Reno, no Pfalz. Para aqueles poucos que tinham condições financeiras havia a possibilidade de comprar alimentos. Foi dada mais uma ordem para ajudarem os mais pobres. Também permitiu-se abater mais lenha das matas e com a venda desta podia-se comprar alimentos para os mais necessitados. Mas em Janeiro de 1817, de novo correu a notícia da armazenagem ilegal de cereais para forçar um preço mais alto. Cada vez mais se ouvia os clamores contra as especulações, a falta de misericórdia, a crueldade dos mercadores e também a alta dos tributos.

Em junho de 1817, a comarca de Koblenz passou a comprar cereais da zona do mar Báltico os quais então começaram a distribuir, mas com o cuidado de os mais pobres também serem beneficiados. Havia até guarda armada pois em Boppard aconteceu que queriam roubar para revender, por isso nos 4 Vales tinha guarda até de noite. Enquanto os pequenos agricultores, junto com os mais pobres, ainda sofriam, em Julho-1817, os navegadores e carroceiros estavam com pleno trabalho. As queixas continuavam, pois eles viram que somente em último caso os ricos ajudavam os pobres. Com novas colheitas, a pior fome passou, mas a crise na agricultura se estendeu por toda a primeira metade do século. Com ela, começou a Emigração com todo vigor. Mais uma época difícil foi de 1840 a 1850. Mas nenhum desses anos foi tão difícil quanto 1816-17.

NÚCLEO DE ESTUDOS DA GENEALOGIA DO VALE DO SINOS

Um novo projeto de pesquisa foi criado a partir da iniciativa de várias pessoas da comunidade do Vale do Sinos. O objetivo é ampliar o conhecimento científico em relação à genealogia - estudo da origem da família - possibilitando um intercâmbio de idéias e opiniões em nível local, regional, nacional e internacnl.. Um dos integrantes do grupo é o descendente Adriano A Dienstmann.



"Se o homem não sabe para que porto se dirige, nenhum vento lhe será favorável!"
Sêneca

III ENCONTRO REGIONAL PORTO ALEGRE

Está confirmado o III Encontro Regional da Família Dienstmann, em Porto Alegre, para o dia 28/abr/2002. Local: Paróquia São Lucas, Rua Luiz Voelcker, 285, Bairro Três Figueiras, em frente ao Colégio Farroupilha. A programação inclui o culto, às 09h30min, sob o comando do descendente Pastor Carlos Frederico Dreher - neto de Hilda (Dienstmann) e Teobaldo Willrich - e ao meio-dia será servido um galeto. É mais uma data para a confraternização entre os integrantes da Família Dienstmann. Maiores informações pelos telefones 3334.6649 (Comunidade), 3364.2411/3225.5402 (Sérgio), 3241.7425 (Anselmo) e 3248.7763 (Milton).

ARQUIVO DA IMAGEM E DO SOM

Mais uma entrevista foi gravada em vídeo. Agora foi a vez da descendente Ria Kappel Feldmann, de São Leopoldo.

Leia a íntegra na página 4 desta edição.

PALESTRA: GENEALOGIA/FAMÍLIA

No dia 29/jan/2002, a convite da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Igreja Mórmon), Estaca de São Leopoldo, dentro do evento "Semana da História da Família", integrantes da Família Dienstmann puderam divulgar um pouco mais o que está sendo feito em termos de genealogia e de resgate da história e da origem da família. Entre outros falaram Adriano A Dienstmann sobre Genealogia e Roberto Dienstmann sobre a Casa Dienstmann.

(continuação da entrevista da página 4...)

Gostarias de deixar uma mensagem final?

Gostaria de dizer que me sinto muito feliz em fazer parte da Família Dienstmann e de estar sendo entrevistada para o Boletim no dia de hoje. Também quero parabenizar os descendentes que tiveram a iniciativa de criar o nosso já tradicional jornalzinho e que o elaboram com tanto zelo e dedicação.

A entrevista com Ria Kappel Feldmann foi gravada em vídeo no dia 06 de março de 2002

Deposite no Banco do Brasil, Agência 2987.4, Conta 1031.6: essa é uma das formas de ajudar a manter o nosso Boletim Informativo circulando entre os descendentes

ENTREVISTA

Com Ria Kappel Feldmann, 87 anos, em São Leopoldo-RS

Podéria nos dar seus dados pessoais?

Meu nome é Ria Kappel Feldmann e nasci no dia 22/ago/1914, em Porto Alegre, na rua Ramiro Barcelos. Meus pais eram Ottilie Elly (Bender) e Albert Kappel. Meus avós maternos chamavam-se Wilhelmina (Hoffmann) e Major Luiz Bender; e os avós paternos Philippine (Dienstmann) e Johann Kappel. A Philippine, que chamávamos carinhosamente de vó Pina, era uma das filhas do Johann Jacob Dienstmann, que chegou ao Brasil com dois anos de idade, em 1827. Casei-me com Edgar L. Feldmann com quem tive três filhos: Régis, Rui (só viveu dois dias) e Ricardo. O Régis tem três filhas: Viviane, Luciane e Cristiane. O Ricardo tem dois filhos: Felipe e Rodrigo. Também tenho dois bisnetos: a Débora, com 13 anos, e o Bruno, com 9 meses, que será batizado no próximo domingo (dia 10/mar).

O que podes nos contar da tua infância?

Até os três anos morei em Porto Alegre. Quando faleceu minha avó materna (Wilhelmine) o meu avô (Bender) sentiu-se muito só e convidou-nos para irmos morar com ele. Fiquei até os meus seis anos morando no centro de Novo Hamburgo, num sobrado do vovô, em frente à Comunidade Evangélica, na hoje rua Bento Gonçalves. Quando eu tinha seis anos fomos morar em São Leopoldo, na rua Brasil esquina com rua São Joaquim, ao lado da Madeireira Feldmann. Ali, entre a turma das brincadeiras havia um menino da mesma idade, chamado Edgar, que depois viria a ser o meu marido.

Então ali já começava o namoro?

De certa maneira sim. Ele estudava no colégio São Luiz e eu no externato do Colégio São José, que funcionava no prédio onde começou a Unisinos, ao lado da Igreja Matriz, nas margens do Rio dos Sinos. Nós tínhamos 12/13 anos e quando terminavam as aulas ele estava à porta da escola me esperando. Um dia, nessa época, com 13 anos, ele me surpreendeu quando perguntou se eu queria ser sua namorada. Fiquei tão envergonhada que não consegui responder. Mas no outro dia encontrei uma forma muito original de lhe dar a resposta: escrevi com um prego no tronco de uma plataneira um grande "S" que significava o meu sim. Ele marcou tanto aquele "S" que bem depois, já moço, posou para uma foto ao lado daquela árvore. O tempo foi passando e com 18 anos assumimos de verdade o nosso namoro. E com 23 nos casamos, no dia 30/jul/1938, em São Leopoldo.

Existiu algum fato muito marcante na tua infância?

Lembro com muita saudade quando fomos no aniversário do meu avô Johann Kappel, em Porto Alegre. A maior parte dos parentes era de lá mas nós morávamos em São Leopoldo. Íamos de trem, que levava cerca de duas horas. Recordo que tinha uma parada em Sapucaia do Sul, onde se comprava bergamotas e bijú, e outra em Canoas, onde comprávamos sonhos. Era um passeio inesquecível. Meu avô nasceu num 24 de Junho, dia de São João. Para festejar ele fazia uma enorme fogueira em plena rua Ramiro Barcelos, no centro de Porto Alegre, e depois era a hora do café colonial preparado pela vó Pina com doces, bolos e cucas (de laranja e uva), tão gostosos que nunca mais experimentei iguais. Outro fato que me marcou muito era a hora de dormir: as crianças menores, entre elas eu, eram todas acomodadas naquelas antigas e grandes camas de madeira e cobertas com macios e quentes acolchoados de pena. O retorno a Novo Hamburgo era feito no dia seguinte.

Mas era só de trem que vocês iam para Porto Alegre?

Nem sempre. Lembro bem de um episódio quando eu tinha uns 10

anos. Meu pai gostava muito de corrida de cavalos e num domingo um conhecido comerciante chamado Germano Lang, que tinha automóvel, convidou meu pai para irem ao Prado, que na época era no Moinhos de Vento. Meu pai levou-me com eles e enquanto assistiam às corridas eu fiquei com a vó Pina. Naquela tarde deu um temporal de verão (novembro de 1924). A estrada que ligava Novo Hamburgo à capital era de terra e em Sapucaia tinha um morro que se chamava Lomba dos Pereira. Ocorre que com a chuva a estrada ficou um barro só, muito lisa, e o automóvel custou muito para conseguir subir ali porque o seu Germano esquecera de levar as correntes para pôr nos pneus. Naquele dia chegamos muito tarde da noite em casa. Aquela estrada, em 1934, foi a primeira no País a receber pavimentação de concreto.

Especificamente em relação à tua vó Pina (Philippine Dienstmann) o que mais lembras dela?

Além das suas cucas deliciosas, que já falei, recordo que quando ela vinha passar uns tempos com nós, em São Leopoldo, ela me pedia que, ao voltar do colégio, eu deixasse enfiadas linhas de várias cores nas agulhas para depois poder fazer seus trabalhos porque sua visão já não era das melhores. Também não esqueço um dos passatempos favoritos dela: após o jantar ela convidava ao vovô Johann e a mim para jogarmos Devagar Se Vai Ao Longe (Ludo). Isso foi lá por 1924, quando eu tinha 10 anos.

Naquela época como era a diversão dos jovens, em São Leopoldo?

Um dos principais eventos era a quermesse do Divino Espírito Santo, que ocorria nos fundos da Igreja Matriz. Lembro que um dos momentos mais esperados era uma sessão de cinema mudo, ao ar livre, com os espectadores todos em pé. Quem montava a tela e projetava o filme era o meu sogro. Nada era cobrado para assistir porque era uma atração para a festa. Na época da Páscoa tinha ainda a festa da Igreja Evangélica, na Chácara dos Schmidt. Depois ainda tinha os bailes do Orpheu, domingos à tarde, e à noite fãmos ao cinema (Cine Independência). Tudo isso lá por 1930. Eu também gostava muito de ir nos Kerb em Novo Hamburgo. Além disso, ainda havia os Carnavais onde nós tínhamos o nosso bloco, com 10/12 casais - Os Gravatinhos (1931) e A Esquadra da Madrugada (1934). E sempre o meu par era o Edgar.

Qual era a atividade profissional do Edgar?

Primeiramente ele estabeleceu-se com comércio (ferragens, bazar, brinquedos, material elétrico), por 10 anos (1938/1948), nas esquinas da rua Independência com Presidente Roosevelt. Depois, em 1948, adquiriu o terreno em que construiu o prédio onde ainda hoje funciona a loja Ferragem Feldmann. O Edgar faleceu no dia 11/ago/1988.

O que achas do atual progresso das cidades?

Respondo com duas situações que hoje seriam impensáveis. Nos fundos da casa do meu vovô Kappel, em pleno centro de Porto Alegre, ele tinha uma chácara que atravessava a quadra: lá colhíamos pêssego, cana de açúcar, uva, amendoim e muitas frutas e verduras. Outro caso: meus avós gostavam muito de suas camas e quando vinham passar um tempo na nossa casa eles traziam junto essas camas no trem. Mamãe preparava com carinho um quarto em casa para acomodá-los quando chegassem com suas camas.

Penso que com toda a evolução de hoje iniciativas desse gênero estariam completamente fora de questão.



Ria com seu bisneto Bruno, de nove meses

... continuação da entrevista na parte inferior da página 3